

Recortando reflexões acerca do simbólico em Durand e Jung: algumas contribuições para o estudo do imaginário

Lúcia Maria Vaz Peres*

Resumo

Este artigo ensaia algumas reflexões acerca do tema símbolo e imaginário, fundamentando-se nas teorias de Gilbert Durand e Carl Gustav Jung, no sentido de contribuir para uma reflexão que remeta ao campo da educação, a importância destes estudos. Trata de trazer à luz uma discussão acerca do Ser-Humano, enquanto alguém imerso num mundo de símbolos e significações ancorados num *a priori arcaico*. Estes, fundantes do Imaginário individual e coletivo.

Palavras-chave: Arquétipo - Inconsciente coletivo - Símbolo - Simbólico - Imaginário - Imaginação simbólica e imaginação ativa

Abstract

In this work some reflections upon the theme of symbol and imaginary, based on the theories of Gilbert Durand and Carl Gustav Jung, are discussed with the aim of contributing to a reflection concerning the importance of such studies to the field of education. This means bringing about a discussion about the Human Being as someone immersed in a World of symbols and meanings attached to an archaic *a priori*. Symbols and meanings are regarded as being the foundations of individual and collective Imaginary.

Key-words: Archetype - The collective unconscious - Symbol - Symbolic - Imaginary - Imagination and active imagination.

* Prof^ª do Departamento de Educação - FaE/UFPel - Doutoranda em Educação/UFRGS

1 Pensando sobre o símbolo

O conhecimento científico dos símbolos, se porventura vier a existir, dependerá do progresso geral das Ciências e, particularmente, do conjunto das Ciências Humanas.

Chevalier e Gheerbrant

O valor do campo simbólico, para a pesquisa em Educação e para o estudo do Imaginário, está no auxílio as possíveis direções tanto ao pesquisador quanto ao pesquisado, frente ao ato de simbolizar e significar o objeto em questão. Simbolizar é, de certo modo, e num certo nível, **viver junto**. Nesse sentido, o valor simbólico atualiza-se diferentemente para cada indivíduo sempre que uma relação de tipo tencional e intencional une o signo que estimula e o sujeito que percebe.

Atualmente começamos perceber que os símbolos ganham mais espaço e aceitação nos estudos relacionados a educação. A imaginação já não é tão desprezada, ao contrário de anteriormente, quando era chamada a *louca da casa*¹. Deve-se essa aceitação, em grande parte, às rupturas da Ciência em que as questões da *louca da casa*, através da imagem nos remetem a releitura dos mitos na atualidade,

aos efeitos da dominação atual da imagem que os sociólogos estão tentando medir, às interpretações modernas dos mitos antigos e ao nascimento dos mitos modernos, às lúcidas explorações da psicanálise (Chevalier e Gheerbrant, 1994, p. XIV).

Os mitos como expressão simbólica traduzem o esforço do ser humano para decifrar e subjugar um destino que lhe escapa através das obscuridades que o rodeiam, embora a "verdade" do símbolo é relativa, a exemplo da famosa *Peça de Pirandello: Assim é, se lhe parece* (op. cit).

¹ Em francês, **la folle du logis** usada por Nicolas de Malebranche, grande orador e filósofo francês do século XVII, ao referir-se à imaginação, e citada por Voltaire. (Chevalier e Gheerbrant, introdução).

2 Contribuições de G. Durand² e C.G. Jung³

Com Carl Gustav Jung, surge uma nova teoria de conjunto do pensamento simbólico e nova concepção do inconsciente. Jung se contrapõe a Freud, achando ter este reduzido o inconsciente somente as experiências anteriormente vividas e posteriormente reprimidas. Jung subdivide o inconsciente em: **inconsciente pessoal e coletivo**. O inconsciente pessoal se equivale ao de Freud, porém mais alargado, pois aí se encontram diferentes elementos anteriores que diferem de indivíduo para indivíduo (*arquétipos*). São elementos que estão subsumidos em outros elementos que não foram ainda tornados conscientes e que não podem sê-lo porque não se acham ainda adaptados à realidade. A estes elementos anteriores a consciência, Jung denominou inconsciente coletivo (no sentido geral e não social, daí *arquétipos*).

Sabemos que Freud teve o mérito de haver colocado o simbolismo inconsciente no terreno individual, e graças ao caráter realmente primitivo dos mecanismos de pensamento da criança, o simbolismo pode adquirir o mesmo grau de generalidade que Jung busca no inconsciente coletivo.

O simbolismo inconsciente não é imediatamente conhecido e significado pelo próprio sujeito, mas um caso particular do simbolismo em geral. Pode-se pensar que em toda imagem está subsumido um significante para a constelação dos possíveis arquétipos. Portanto, o *inconsciente coletivo* caracteriza-se pelas grandes tendências ancestrais e inatas que direcionam o comportamento da humanidade.

A idéia de instinto na teoria junguiana está intimamente vinculada ao princípio arquetípico enquanto "objeto virtual" (simbólico) endógeno, cujos desdobramentos podem "materializarem-se" nas ações exógenas. Dizendo de outra forma, o princípio arquetípico potencialmente nasce com o indivíduo.

Portanto os arquétipos não se propagam, de forma alguma, apenas pela tradição, a linguagem e a migração, mas podem renascer espontaneamente em qualquer lugar e tempo, isto é, de um modo que não é

2 Filósofo e antropólogo francês, começa a ganhar espaço e atenção de estudiosos e pesquisadores de várias áreas de pesquisa sobre o imaginário. Recebeu forte influência de mestres como: Gaston Bachelard, C.G.Jung, Henry Corbin, Georges Dumézil, Lévi-Strauss, entre outros

3 Nascido em Kesswil, nordeste da Suíça, cursou Medicina e foi discípulo (dissidente) de Freud, e em 1900, foi trabalhar como assistente no Hospital Bûrgholzi, na Alemanha, com doentes mentais. Aprofundou-se no estudo da psique humana e suas manifestações simbólicas, que segundo ele, expressam a condução da expressão das experiências vividas. Na sua época ousou contrapor-se à corrente predominante - a psicanálise - cujo precursor era Freud.

influenciado somente pela transmissão externa. Esta constatação significa nada menos que, *em cada psique, há prontidões, potencialmente vivas. Ou seja, formas que embora inconscientes, não são, por isso, menos ativas, e que moldam de antemão e instintivamente influenciam o seu pensar, sentir e atuar* (Jung, apud Jacobi., 1957, p. 41) (grifos meus).

Assim o pensamento simbólico surge como a tomada de consciência primitiva destas realidades interiores e anteriores. Este pensamento simbólico, a nível individual, contém uma variável que podemos chamar de **força da mudança** decorrentes das diferentes inter-relações com o meio. No pensamento no simbólico, a nível coletivo (no sentido geral) há uma **força de conservação** onde está fundada a gênese da linguagem humana de cada época.

Jung (1987) pesquisou a generalidade destes símbolos através: **a)** dos sonhos; **b)** dos devaneios patológicos; **c)** dos símbolos místicos e **d)** das representações sagradas das sociedades primitivas e orientais. Seu sonho era reconstituir os símbolos gerais da humanidade. Essa generalidade, pelo menos relativa dos símbolos, representa o pensamento primitivo.

O pensamento simbólico coletivo corresponde assim à fase inicial do pensamento humano. Nesse sentido os arquétipos, correspondem ao *a priori* da experiência como sistemas ao mesmo tempo afetivos e representativos constituindo a *paleopsique*.

Surge, assim, a hipótese referente a *arquétipo*, enquanto inato e hereditário, tese esta, atenuada por Jung quando ressalva: ... *se herda a possibilidade para*, onde estão contidos simbolismos com significações distintas. Estas significações podem ser: **a)** congênitas; **b)** simplesmente infantis. Tais hipóteses nos remetem a pensar que: ou há uma tendência inconsciente inata e comum a todos os homens, que inspira as representações ancestrais na criança de hoje ou uma simples representação por imagens devida à assimilação simbólica que caracteriza o pensamento da criança.

O mecanismo acionador dessa possibilidade depende das leis do desenvolvimento ou gênese infantil, subsumido nas leis da humanidade, que nos remetem à importância do papel do indivíduo no coletivo e do coletivo no indivíduo, como fundantes de significações simbólicas, constitutivas do imaginário.

A orientação simbólica de Gilbert Durand, apresenta pontos de convergência com a psicologia analítica junguiana, à medida que encaminha-se para uma perspectiva holística trazendo um fundamental aporte para a interpretação dos fenômenos sociais e práticas pedagógicas. A metodologia

de Durand é uma *tentativa de abordagem científica que considera o elemento espiritual e coletivo na concretude da realidade imediata*.

Ele situa seus métodos de análise no *pós-estruturalismo*, tendo como eixo principal o estruturalismo figurativo levando em conta as *homologias qualitativas e dinâmicas dos sentidos dos símbolos*. Esta metodologia durandiana entende que o

imaginário seja referência última de toda a produção humana através de sua manifestação discursiva, o mito e, sustenta que o pensamento humano move-se segundo quadros místicos (Durand, 1988, p.46).

Segundo ele, em todas as épocas, em todas as sociedades existem *mitos que orientam, que modulam o curso do homem, da sociedade e da história*. (op. cit)

Dá que sua **metodologia**, propõe-se a desvelar estes mitos diretos do curso da dinâmica social ou produção individual, responsáveis pela representação do Imaginário cultural num determinado tempo e espaço.

Podemos inferir que os mitos servem de “porta de acesso” à descoberta da psique (decorrente de um período de introversão da humanidade), por constituir a tomada de consciência convergente dos arquétipos.

Para Durand a consciência dispõe duas maneiras representativas de mundo: **direta e indireta**. Na consciência **direta a própria coisa** parece estar presente na mente, como na percepção ou na simples sensação. Enquanto que na **indireta**, o objeto não pode se apresentar à sensibilidade "em carne e osso". O objeto ausente é **re-(a)presentado** à consciência por uma imagem, no sentido amplo do termo. Ou seja, a consciência dispõe de diferentes graus de imagem.

Os símbolos durandianos e junguianos pertencem à categoria de signos simbólicos, que são um meio de economizar as operações mentais. Por um lado, os signos podem ser: **arbitrários** -- remetem a um realidade significada, presente ou não, e por outro são **alegóricos** -- remetem a uma realidade significada, mas dificilmente apresentável. Esses últimos figuram concretamente uma parte da realidade que significam.

Assim a *Imaginação Simbólica* (Durand) e a *Imaginação Ativa* (Jung) caracterizam-se pela **significação** e pelo **sentido** atribuído a uma determinada imagem, para além do objeto sensível. Este simbolismo carrega em si, a imagem de uma transcendência jamais explícita e sempre ambígua.

A significação simbólica durandiana está fundada no conceito de hermenêutica, dividindo-se em duas: as hermenêuticas **reductoras** e as

hermenêuticas **instauradoras**. Segundo ele, a psicanálise freudiana representa a hermenêutica **reduzora**.

O símbolo sofreu, com Freud uma dupla redução (...) o método associativo e o método simbólico (...) determinista. Todas as imagens, todos os fantasmas, todos os símbolos se reduzem a alusões figuradas dos órgãos sexuais (...) princípio linear de causalidade (...) o sistema de explicação é apenas um sistema unívoco, onde o signo remete ao signo ... (Durand, 1988, p. 43).

Para Durand, Jung trabalha na perspectiva da hermenêutica **instauradora**, assim como os autores Ernest Cassirer, Gaston Bachelard, Merleau-Ponty. Nessa hermenêutica

o problema do símbolo não é absolutamente o do seu fundamento, como querem as perspectivas substancialistas (...) **o símbolo remete a alguma coisa, mas não se reduz a uma única coisa** (op. cit. 58-60). (grifos meus)

O autor salienta que ao longo da história ocidental a imagem foi reprimida a partir de *três "estados"*.

...a redução positivista da imagem a signo a redução "metafísica" da imagem a conceito; e a redução "teológica" da imagem às servidões temporais e deterministas da história e às justificativas didáticas (Durand, 1995, p.29).

Esse formalismo didático e eclesiástico, subtraiu o poder da imagem criativa e "iniciática", marginalizada em benefício dos imperativos históricos. Nesse sentido, Durand chama a atenção para a necessidade da instauração das hermenêuticas **para além das ortodoxias (especialmente a romana), portanto "do lado das heresias"**. Aponta a urgente necessidade de superar o racionalismo conceitual dos filósofos e teólogos, para dar lugar aos poetas e artistas, de preferência os "malditos".

É preciso deplorar esse tríplice efeito da clandestinidade forçada a que foram constringidos os hermenêutas da nossa época -- Cassirer, Jung, Ricoeur, Corbin, Eliade, Bachelard (...) são os heréticos, ou poetas, ou autodidatas e universitários marginais, e até mesmo as três coisas ao mesmo tempo (op. cit p.30).

A partir desses recortes podemos perceber as similaridades entre um pensamento e outro, uma vez que ambos apontam para um símbolo que se inscreve numa lógica de significações. Uma outra lógica em que a significação está para além do objeto/signo e do sujeito simbólico, mas

sobretudo, na interinfluência entre ambos. Escreve Durand (apud Chevalier e Gheerbrandt, 1994)

O jorro luxuriante das imagens, mesmo nos casos que levam à maior confusão mental, prende-se sempre uma lógica dos símbolos, seja ela ou não empobrecida. A lógica dos símbolos (...) encontra sua confirmação no simbolismo manifestado pela atividade **subconsciente e transcendente do homem** (p. XIII). (grifos meus).

Portanto o símbolo tem uma certa ordenação, mesmo que seja incompreensível na sua totalidade, mas nem por isso deixa de possuir certa realidade, que ocupa lugar ativo na vida das imagens. E esse lugar responde a uma ordem das coisas, através de uma lógica original, que Jung (apud Chevalier e Gheerbrandt, 1994) clarifica:

É o mundo que fala através do símbolo. Quanto mais o símbolo for arcaico e profundo (...), mais se torna coletivo e universal (...) Na **consciência plena**, corre o perigo de tornar-se simples alegoria, que **não ultrapassa jamais o limite da concepção consciente**; e neste último caso, estará **igualmente exposto a toda espécie de explicações racionalistas** (p. XVII). (grifos meus)

É através dessa linguagem carregada de uma gama de significados, que virtualizam-se as relações do Ser-no-mundo significando e subjetivando o real.

A preocupação dos estudos do imaginário, nas abordagens durandianas e junguianas, é a de perceber o homem na sua pluralidade ao invés de percebê-lo como uma unidade. Trata-se de perceber esse Homem com múltiplas facetas, múltiplas camadas, múltiplas dimensões. É o homem com “h” maiúsculo. Quando eu falo Homem, estou me remetendo ao *homo sapiens* que se reveste de mil formas.

Desde o *homo sapiens*, lidava com a escrita, não com essa escrita que temos, mas com a escrita simbólica, o Homem com seu imaginário ainda rudimentar, já se expressava numa linguagem menos sofisticada. Hoje, somos um exemplar tecnológico, bastante sofisticado. Nem por isso, deixamos de estar integrados a esse *homem arcaico*, no quanto ainda temos de primordial e, no quanto continuamos sendo *animal simbólico*, como nos diz Cassirer (1945).

Embora imersos numa alta tecnologia, somos “respingos” de um fundo arcaico desse *homo sapiens*, hoje altamente sofisticado. É o que Durand vai refletir sobre o Homem ocidental moderno.

3 O símbolo e o imaginário no campo educacional

Para muitos teóricos, tudo isso pode parecer meio bizarro, especialmente no campo educacional e no discurso de uma pedagoga e/ou psicopedagoga. Entretanto, essas questões nos remetem a uma visão de Ser-aprendiz um pouco diferente. Penso que a preocupação com a educação, especialmente porque envolve os processos de aprendizagem, é de extrema complexidade. São inúmeros os esforços teóricos na tentativa de elucidar questões acerca das habilidades cognitivas dos indivíduos e como essas habilidades aparecem nas suas competências sociais. Mais ainda, procura-se identificar quais os bloqueadores no desenvolvimento dessas habilidades, ao invés de trilharmos outros e diferentes caminhos, que de alguma forma estão ancorados num além do sujeito psicológico do aqui e do agora. Talvez seja esta uma tarefa difícil e por demais complexa, mas é preciso percorrer diferentes trilhas em busca de novos mapeamentos e novas fronteiras acerca deste Ser-aprendiz no mundo em eterna construção.

Nestes mapas da aprendizagem, os estudos do imaginário e do simbólico, nas perspectivas teóricas citadas, nos remetem à um sentido que diz respeito às interpelações entre o simbolismo inconsciente e os esquemas afetivos.

Pode-se perceber que essa significação implica sempre numa lógica subjacente (talvez não como a lógica formal, mas numa outra lógica) que inconscientemente classifica e seria o que deve ser assimilado e o que deve ser negligenciado (mesmo em nível de instintos).

Na medida em que adentramos no estudo do símbolo e do imaginário, acessamos por vias indiretas, os caminhos da linguagem, uma vez que o símbolo como alimento do imaginário, exprime o mundo percebido e vivido pelo sujeito, em função de seu psiquismo e da sua inserção concreta na sociedade e na cultura.

É possível pois falar de um “lugar de sentido” e “faculdade de significar” o mundo, mediante os processos de simbolização. O símbolo por vias indiretas, mostra ocultando, afirma, negando, exprime o mundo percebido e vivido pelo sujeito, em função de seu psiquismo, daí porque extrapola a lógica conceitual. Não acessamos esta lógica por vias da indução ou da dedução, pois como Chevallier e Gheerbrant (1994), “*existe uma lógica dos símbolos com elos e conexões no interior dos símbolos e entre eles*”. Assim, pode-se entender a estrutura do arquétipo como o “lugar de sentido” e não o *locus* de conteúdo.

A característica do símbolo é a de permanecer indefinidamente sugestivo e complexo, portanto, diferente de indivíduo para indivíduo, embora tenha uma estrutura que se repete. Essa estrutura, de alguma forma, se refere à constituição do Ser, através da teoria dos arquétipos, evidenciando assim a problemática do conhecimento e da relação do indivíduo com o mundo.

É preciso então admitir que os arquétipos, símbolos, que inspiraram os primórdios da física grega são encontrados, potencialmente hereditários, em todos os seres humanos. Podemos dizer que os símbolos arquetípicos são “leis gerais” que “regulam” nossa mentalidade, desde a infância, e assim invocam uma “hereditariedade misteriosa”.

A idéia central do pensamento simbólico, a que se refere Jung é a de um **pensamento simbólico primitivo**, independente dos mecanismos de repressão ou de censura, mas que para explicá-lo é necessário reportar-se à gênese da humanidade, micro refletida no desenvolvimento da criança.

Na expressão das formas simbólicas de Cassirer (1945) *o espírito não reproduz, mas produz o objeto*. Desse modo o sujeito ao significar, reflete-se no objeto de conhecimento em busca da sua verdadeira essência (o que Jung denomina - self - onde estão contidos os arquétipos). Conforme Cassirer el hombre *no puede confiar en si mismo y escucharse a si mismo; tiene que enmudecer para poder oír una voz superior y más verdadera* (op. Cit, p, 67)

Podemos inferir que o elo entre os símbolos e o imaginário nas duas concepções (Durand e Jung), não depende da lógica conceitual. Ou seja, não entra nem na extensão nem na compreensão de um conceito, mas esta lógica, dos símbolos, carrega em si, a imagem de uma transcendência, jamais explícita e sempre virtual, decorrendo, em parte, daquilo que o sujeito assimila nos primeiros contatos sensíveis **com e no** mundo, seja através de jogos lúdicos e/ou em interação com as pessoas (matrizes refletoras 4), somado a "herança dos instintos”.

Referências Bibliográficas

CASSIRER, Ernest. **Antropologia filosófica: introducción a una filosofía de la cultura**. México, 1945.

CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**. 8ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.

4 Termo usado por Peres (1996), para designar a função dos adultos frente as crianças.

- DURAND, Gilbert. **A Imaginação Simbólica**. São Paulo: Cultrix, Editora da USP, 1988.
- _____. **A fé do Sapateiro**. Brasília: Ed. UNB, 1995.
- JUNG, C. G. **Psicologia do Inconsciente**. Petrópolis: Vozes, 1987.
- JOLANDI, Jacobi. **Complexo, arquétipo e símbolo na concepção de C. G. Jung**. São Paulo: Cultrix, s/d.
- PERES, Lúcia Maria Vaz. **Significando o “não-aprender”**. Pelotas: Educat, 1996.